



RELATÓRIO TEMÁTICO | VOL. 1

SOLUÇÕES AMBIENTAIS QUE JÁ ESTÃO FUNCIONANDO

Companhia
de Impacto



São Paulo



Sumário

SOLUÇÕES AMBIENTAIS QUE JÁ
ESTÃO FUNCIONANDO

- 03** Introdução
- 05** Capítulo 01:
Soluções baseadas na natureza
- 11** Capítulo 02:
Regeneração: a nova economia é verde
- 20** Capítulo 03:
Conservação em movimento:
o novo mercado da biodiversidade
- 25** Capítulo 04:
O futuro dos negócios: práticas
sustentáveis que transformam
- 32** Conclusão
- 34** Agradecimentos

INTRODUÇÃO

Impacta Mais 2025 e o chamado para uma nova agenda ambiental

Diante do mundo enfrentando crise climática e desafios socioambientais, soluções são urgentes, a começar por **inspirar uma visão de futuro e novos modelos econômicos**. O Impacta Mais tem o objetivo de catalisar a transição para uma economia de impacto, conectando e impulsionando soluções, recursos e aprendizados para transformar negócios e investimentos em múltiplos setores.

A trilha temática “Meio Ambiente e COP 30” contou com a curadoria de conteúdos de Guilherme Karam, da Fundação Grupo Boticário; Elenita Sales, do Impact Hub; Daniel Contrucci e Bruna Zampollo, da Climate Ventures; Mariano Cenamo, do Idesam; Cinthia Gherardi, do Sistema B; e Liz Lacerda, do Fundo Vale. Agradecemos a eles e a todos os palestrantes que contribuíram para as conversas e trocas de ideias.

Ela foi um convite para olhar adiante: não apenas para o que precisa mudar, mas para o que já está mudando. Especialistas, empreendedores, gestores públicos e lideranças comunitárias compartilharam **soluções que colocam a natureza, a cultura e as pessoas no centro da estratégia**.

Este relatório temático é fruto dessas discussões. Mais do que um registro, ele é um **convite à ação**. Aqui, você encontrará provocações, exemplos práticos e caminhos reais para transformar negócios, territórios e relações com o planeta.



PABLO HANDL
Diretor

pablo.handl@impacthub.net
impacta.mais@impacthub.net

Cada capítulo reflete uma parte dessa jornada:



As **soluções baseadas na natureza**, que restauram enquanto geram valor.



A **economia regenerativa**, que usa a inovação para cuidar do que temos de mais essencial.



As **inovações no mercado de conservação**, que conectam dados, territórios e vozes plurais.



E as **melhores práticas em sustentabilidade**, que mostram que é possível fazer diferente (e melhor).

O Brasil tem um papel estratégico na agenda climática global, especialmente com a chegada da COP 30. E a transformação que queremos começa agora, com cada escolha, projeto e parceria.

Boa leitura!

CAPÍTULO 01

**Soluções
baseadas
na natureza:
restaurar
para avançar**

Como práticas que
aliam conservação e
desenvolvimento podem
redesenhar o futuro

CAPÍTULO 01

A floresta não é obstáculo ao desenvolvimento. Ela é a resposta.

Esse foi o contexto que guiou o painel “Soluções baseadas na natureza”, que abriu a trilha “Meio ambiente e COP 30” no Impacta Mais 2025. Especialistas das instituições WWF Brasil, Amazon People, Arca Natural, Carbonext e Fundação Grupo Boticário compartilharam visões e experiências que demonstram, na prática, como conservar e regenerar ecossistemas pode (e deve) ser parte central da estratégia para um futuro viável.

A floresta tem gente e tem valor

Janaína Dallan, CEO da [Carbonext](#) e moderadora do painel, abriu o encontro lembrando que as florestas não estão vazias. “Elas são casa, cultura e sustento de milhares de pessoas.” Para ela, **soluções baseadas na natureza só são eficazes se estiverem conectadas com as comunidades locais**. “O resultado é sempre melhor quando as pessoas acreditam no projeto, participam, e se reconhecem como parte da transformação.”

A Carbonext desenvolve projetos de créditos de carbono que combinam restauração florestal, preservação da biodiversidade e inclusão social. “Não é só sobre absorver carbono. É sobre transformar vidas”, reforçou Janaina.

Segurança hídrica começa na conservação

Guilherme Karam, gerente da [Fundação Grupo Boticário](#), compartilhou uma análise comparativa entre duas bacias hidrográficas. A primeira, com mais de 50% de vegetação conservada, perdeu menos de 10% de sua vazão durante uma estiagem severa. A segunda, com baixo nível de cobertura vegetal, perdeu cerca de 50% do volume de água disponível, obrigando a interrupção no abastecimento da população.

“Isso mostra claramente o **serviço ecossistêmico prestado pela floresta**: o solo atua como uma esponja, retendo água e liberando aos poucos, mesmo em períodos secos”, explicou. Para a fundação, segurança hídrica é uma prioridade estratégica. E soluções baseadas na natureza são centrais nesse caminho.



Agricultura regenerativa: plantar para curar

Dea Mendonça, cofundadora da [Amazon People](#), trouxe um exemplo potente de como **regenerar é também criar prosperidade**. A organização atua no Pará, capacitando agricultores familiares para implantar sistemas agroflorestais e acessar mercados mais justos.

“Investimos nas famílias desde o preparo da terra até a venda dos produtos. Isso muda vidas. A floresta deixa de ser vista como obstáculo e passa a ser aliada”, afirmou.

Esse modelo alia **geração de renda, inclusão produtiva e recuperação de solo e biodiversidade**. E, como reforçou Dea, só funciona porque respeita a realidade e os sonhos das pessoas envolvidas.

Clima, biodiversidade e sabedoria ancestral

Anna Carolina Lobo, do WWF Brasil, chamou atenção para os limites planetários. “Se todos os países mantiverem os compromissos atuais, teremos um aquecimento médio global acima de 2,5 °C. Se continuarmos como estamos, passaremos de 3 °C. Isso impacta diretamente a segurança alimentar, hídrica e a vida como conhecemos.”

Ela também destacou que a população média de fauna e flora caiu 73% em 50 anos, segundo o [relatório Planeta Vivo](#). “Não é só sobre extinção de espécies. É sobre **ecossistemas inteiros perdendo resiliência.**”

Carol defendeu **o fortalecimento de áreas protegidas, a valorização da biodiversidade como ativo econômico e o reconhecimento dos saberes tradicionais**: “Povos originários são os maiores inovadores em tecnologias sociais. A gente precisa parar de tratá-los como beneficiários e começar a reconhecê-los como parceiros estratégicos.”



O futuro é regenerativo

Fechando o painel, André Noronha, cofundador da [Arca Natural](#), trouxe a visão de quem atua com projetos de restauração ecológica e serviços ambientais diretamente nos territórios.

Ele falou sobre a necessidade de **gerar novos modelos de negócios que reconheçam o valor dos serviços ecossistêmicos prestados por florestas**, como regulação climática, captura de carbono e purificação da água.

“A floresta já entrega muito. Falta a gente criar os mecanismos para que ela seja remunerada por isso.”

André defendeu que **as soluções baseadas na natureza precisam deixar de ser vistas como “alternativas ambientais”** e passar a ser compreendidas como infraestrutura crítica para o século XXI.

Soluções baseadas na natureza não são um plano B. São o plano.

São práticas que restauram florestas, protegem rios, regeneram solos, fortalecem comunidades e transformam relações com o território. O Brasil tem a floresta, o conhecimento e a urgência. E pode liderar o mundo neste caminho.

CAPÍTULO 02

Regeneração: a nova economia é verde

Quando o crescimento
se alinha com a
restauração do planeta

CAPÍTULO 02

**Nada do que está ao
nosso redor surgiu
por acaso. Tudo foi
desenhado e pode
ser redesenhado.**

Foi com essa provocação que Gustavo Alves, gerente de Inovação e Comunidades para a América Latina da [Fundação Ellen MacArthur](#), abriu sua fala sobre economia regenerativa no Impacta Mais 2025.

Em um talk que combinou dados contundentes, bom humor e narrativas visuais, ele mostrou por que precisamos superar o modelo linear de desenvolvimento - e como podemos criar, na prática, uma nova lógica econômica baseada em circularidade e regeneração.

Economia linear: insustentável por definição

Gustavo apresentou uma série de exemplos que escancaram as falhas do modelo atual:



Apenas 69% dos alimentos produzidos são consumidos.

O restante se perde no transporte (20%) ou é desperdiçado (11%). Prejuízo global estimado: US\$ 370 bilhões por ano - quase o PIB de Portugal.



Entre 3% e 10% das roupas do nosso guarda-roupa são usadas com frequência.

O restante se acumula - e vai parar em aterros. A cada segundo, um caminhão de roupas é descartado no mundo.



No caso dos plásticos, **apenas 14% são reciclados**, e só 2% retornam ao início da cadeia.



Carros passam 92% do tempo estacionados, sendo que a maioria transporta apenas uma pessoa.

A indústria da moda representa cerca de 4% das emissões globais de gases de efeito estufa.

“É um modelo que empilha lixo, gera emissões e amplia desigualdades. Ele não serve mais”, afirmou.

O que é uma economia regenerativa?

Para além da reciclagem ou da compensação, a **regeneração propõe recriar valor ambiental e social a partir de cada decisão de design.**

A Fundação Ellen MacArthur sustenta a **economia regenerativa** sobre três pilares:

- 01** Eliminar lixo e poluição desde o início do processo de criação.
- 02** Manter produtos e materiais em uso pelo maior tempo possível e no mais alto valor possível.
- 03** Regenerar a natureza, construindo capital natural em vez de apenas evitar danos.

Gustavo destacou: “Não é sobre fazer menos mal. É sobre fazer melhor. Projetar produtos, negócios e sistemas para **devolver mais à natureza do que retiramos.**”

Do conceito à prática: exemplos concretos

Ele apresentou três níveis de aplicação da lógica regenerativa:

Produtos regenerativos:

A [Horta da Terra](#), por exemplo, criou um produto funcional com 17 espécies amazônicas - aumentando a biodiversidade da paisagem e construindo resiliência no ecossistema. “Ela poderia ter escolhido um ingrediente artificial, mas escolheu fazer diferente no momento do design”, explicou.

Negócios regenerativos:

A [Courageous Land](#) ajuda fazendeiros a transformar suas fazendas em florestas alimentares. Com tecnologia e planejamento, esses territórios aumentam sua diversidade biológica e capacidade de produção sustentável.

Sistemas regenerativos:

O projeto [Ligue os Pontos](#), desenvolvido em parceria com a Prefeitura de São Paulo, redesenhou o escoamento da produção rural da zona sul da cidade. Restaurantes passaram a comprar o que as hortas tinham disponível (e não o contrário), os resíduos iam para compostagem e retornavam como adubo. Resultado: um ciclo regenerativo fechado, com impacto ambiental, econômico e social positivo.

O impacto começa no desenho

“Tudo ao nosso redor foi desenhado - da roupa ao sistema de transporte. E isso quer dizer que tudo pode ser redesenhado”, reforçou Gustavo. Segundo ele, não se constrói uma economia regenerativa de um dia para o outro. Mas é possível começar com cada escolha que fazemos ao criar algo novo.

Ao final de sua fala, ele convidou o público a refletir:

“O que você está desenhando hoje? Está regenerando ou apenas mitigando?”



Descarbonizar com responsabilidade

Luiz Terhorst, CEO da [Carbon Free Brasil](#), complementou a fala de Gustavo ao abordar o papel estratégico do mercado de carbono. “O mercado de carbono não é a solução final, mas é um passo importante. E não pode ser feito de qualquer jeito. É preciso ter integridade.”

Ele destacou que o **caminho da descarbonização** envolve quatro etapas:

1. Medir as emissões.
2. Reduzir internamente o que for possível.
3. Influenciar fornecedores.
4. Compensar com créditos de qualidade.

A compensação deve vir depois de um esforço real de redução, e não como maquiagem verde.

Ele também reforçou que, embora o Brasil tenha grande potencial no mercado de carbono, ainda faltam mecanismos de rastreabilidade e apoio à inclusão de pequenos produtores nos projetos.



Regeneração com identidade territorial

Bruna Barcellos Mattos, do [Instituto Arapyaú](#), trouxe a perspectiva da atuação local e culturalmente enraizada. Ela compartilhou a experiência da organização na região sul da Bahia, onde há mais de 16 anos o Arapyaú **apoia a cadeia do cacau em sistema agroflorestal Cabruca** - uma forma de plantio que preserva a Mata Atlântica e respeita a cultura tradicional local.

“O modelo Cabruca é regenerativo por natureza. Integra produção, cultura e conservação. E gera renda com identidade.”

Para ela, regenerar é também **reconhecer o saber tradicional, respeitar o tempo das comunidades e apoiar cadeias produtivas de forma sistêmica**.

Escala com política pública

Vera Lúcia Guedes Teixeira, gerente do Departamento de Meio Ambiente do [BNDES](#), apresentou o programa [Restaura Amazônia](#), que pretende **recuperar uma área do tamanho do Parque Nacional da Chapada dos Guimarães em pleno arco do desmatamento**.

“Não vamos esperar o setor privado. A restauração vai acontecer com ou sem ele. Mas queremos atrair empresas para somar.”

O BNDES tem buscado operar com lógica de **match funding: a cada real aportado por empresas, o banco entra com outro**. O objetivo é catalisar recursos para uma restauração que seja ambientalmente robusta, socialmente justa e economicamente viável.

Ciência e colaboração como base

Encerrando o talk, Aline Perez de Oliveira, diretora de engajamento corporativo da [TNC Brasil](#), fez um chamado à **ação colaborativa baseada em evidência**.

“Impacto não pode ser só intenção. Tem que ser medido. A ciência precisa estar na base das decisões.”

A TNC vem trabalhando com grandes empresas, produtores e governos para desenhar soluções com base em dados, especialmente nas áreas de **uso da terra, recursos hídricos e biodiversidade**.

Ela reforçou também o papel da filantropia catalítica: **investimentos que assumem o risco inicial para viabilizar soluções escaláveis**, muitas vezes ainda fora do radar do capital tradicional.

Regenerar é uma decisão estratégica — e coletiva. É redesenhar produtos, negócios, políticas e sistemas para que devolvam valor à natureza e fortaleçam os territórios. Como vimos nesse talk, essa economia já existe. E o Brasil tem tudo para liderá-la.

A regeneração é uma escolha e também uma responsabilidade.

Regenerar é redesenhar produtos, negócios, políticas e sistemas para que devolvam valor à natureza e fortaleçam os territórios. Ela nos convida a criar uma economia que não apenas evita o colapso, mas constrói prosperidade a partir do cuidado com o planeta e com as pessoas.

CAPÍTULO 03

Conservação em movimento: o novo mercado da biodiversidade

Inovação, tecnologia e inclusão como motores da preservação

CAPÍTULO 03

Cuidar da natureza não é mais só preservar - é também inovar, empreender e investir.

Essa foi a tônica da roda de conversa “Inovações no mercado de conservação ambiental”, realizada na trilha “Meio ambiente e COP 30” do Impacta Mais 2025.

Especialistas que atuam com tecnologia, crédito de carbono, restauração ecológica e justiça climática mostraram que **a conservação ambiental está deixando de ser vista como um “custo a ser compensado”** - e se tornando um mercado estratégico, plural e em expansão.

Da escuta à ação: o território como ponto de partida

Sâmia Mouallem, gerente de Parcerias Estratégicas do [Impact Hub](#), abriu a roda lembrando que **inovação não é apenas tecnologia: é também escuta, cocriação e confiança**. “A nova conservação começa ouvindo quem está no território, quem conhece o problema e quem já está construindo soluções.”

Ela ressaltou que o mercado da biodiversidade precisa ser tão diverso quanto os ecossistemas que busca preservar - o que significa **incluir vozes periféricas, saberes tradicionais e novas narrativas**.

A floresta pode ser motor de desenvolvimento

Elena Senatore, líder do programa Lentes de Impacto no [Estímulo 2020](#), apresentou a iniciativa [Estímulo Verde](#), que oferece **crédito e capacitação para pequenos e médios empreendedores com foco em impacto socioambiental**.

Ela explicou que o programa surgiu como uma resposta à necessidade de fomentar um ecossistema de negócios comprometidos com a regeneração, e não apenas com a mitigação de danos. “Não basta ter capital. É preciso ter intenção, critério e visão de longo prazo.”

Um dos objetivos do Estímulo Verde é **democratizar o acesso a investimentos em bioeconomia**, permitindo que empreendedores da Amazônia - e de outros territórios com alto valor ecológico - possam escalar seus negócios sem abrir mão de suas raízes.

Inteligência climática das favelas

Lenon Medeiros, fundador da [Visão Coop](#), trouxe uma fala potente sobre **inovação na periferia**. A cooperativa atua com mapeamento territorial e tecnologia em Queimados (RJ), região frequentemente afetada por enchentes.

Ao perceber que as mesmas ruas alagavam ano após ano, Lenon e sua equipe decidiram agir. Com uso de drones, modelagem 3D e inteligência artificial, desenvolveram um sistema preditivo para gestão de riscos. O impacto foi direto: queda de mais de 90% no número de pessoas desabrigadas em eventos de chuva intensa.



“Fizemos isso com R\$ 5 mil e um mutirão. Não esperamos uma solução pronta. A gente construiu a nossa”, afirmou.

Para ele, a conservação precisa **reconhecer também as paisagens urbanas periféricas como ecossistemas vivos** - com cultura, fluxos, vulnerabilidades e potencial de regeneração.

Restaurar é gerar riqueza

Natália Dantas Paes, analista de biodiversidade master na [Reserva Natural Vale](#), falou sobre o trabalho de conservação em mais de 22 mil hectares de Mata Atlântica e as estratégias da instituição para expandir o impacto além dos muros da reserva.

Formada em biologia, com doutorado em economia ecológica, Natália trouxe o olhar da ciência para **mensurar o valor dos chamados serviços ecossistêmicos**: dispersão de sementes, polinização, proteção de nascentes e equilíbrio do clima local.

“Precisamos parar de tratar conservação como filantropia e começar a tratá-la como economia. Os serviços que a natureza presta têm valor real e precisam ser remunerados.”

Ela reforçou que é possível **criar negócios baseados na biodiversidade**, com métricas claras, viabilidade econômica e impacto positivo, especialmente se houver articulação entre ciência, comunidades e capital.

A nova conservação é ativa, inovadora e conectada com o território.

Ela parte do chão da floresta, mas também das bordas urbanas, dos dados coletados por jovens, das finanças regenerativas, dos mutirões e das redes. É biodiversidade como oportunidade, não como obstáculo.

CAPÍTULO 04

O futuro dos negócios: práticas sustentáveis que transformam

Governança, cultura
e impacto na nova
era empresarial

CAPÍTULO 04

Sustentabilidade já não é diferencial. É o mínimo. E empresas que entendem isso não apenas resistem, elas lideram.

O painel de encerramento da trilha “Meio ambiente e COP 30” no Impacta Mais 2025 reuniu especialistas em ESG, conselheiros de grandes organizações, empreendedores e gestores de sustentabilidade para discutir quais são as **práticas mais eficazes para alinhar propósito, estratégia e impacto real**.

A conversa foi clara:

o futuro dos negócios passa pela coerência, pela inclusão e por uma nova forma de gerar valor, com e para o planeta.

Fazer junto e fazer diferente

Anke Salzmann, gerente de projetos da [Fundação Grupo Boticário](#), reforçou que nenhuma empresa pode resolver a crise climática sozinha, mas todas podem fazer parte da solução.

Ela compartilhou o exemplo do [Movimento Viva Água](#), que atua na bacia do Rio Miringuava (PR), mobilizando empresas, comunidades, poder público e academia para **garantir segurança hídrica** à região. “A lógica é simples: se não tiver água, não tem shampoo, não tem fábrica, não tem negócio. Então a gente investe na natureza e nas pessoas que vivem com ela.”

Anke defendeu que empresas precisam **sair da lógica do “projeto social isolado” e assumir compromissos estruturantes**, baseados em evidência e com metas de longo prazo. “Impacto não pode ser filantrópico. Tem que ser estratégico.”



A sustentabilidade como cultura corporativa

Heiko Spitzeck, diretor do Núcleo de Sustentabilidade da [Fundação Dom Cabral](#), falou sobre o **papel da cultura organizacional na transição para práticas sustentáveis**.

Segundo ele, não basta criar relatórios e metas ESG se a liderança não estiver envolvida e os valores não forem incorporados ao dia a dia da empresa. “Sustentabilidade é o jeito de operar, de contratar, de decidir. É a régua de todas as escolhas.”

Heiko apresentou pesquisas que mostram que **empresas com práticas ESG consistentes são mais resilientes financeiramente, mais atrativas para talentos e mais bem avaliadas por consumidores**. “O futuro é das empresas que conseguem gerar valor sem gerar dano. E isso começa na governança.”

Do discurso à prática

Malu Rosa, analista técnica sênior do [CEBDS](#), trouxe um olhar direto do setor empresarial. Ela contou que, nos últimos anos, houve uma mudança significativa: **de metas voluntárias para compromissos públicos e regulatórios**, especialmente com a nova taxonomia verde no Brasil.

Malu destacou que as empresas precisam ir além da agenda ambiental e encarar também os temas sociais e de diversidade como parte da estratégia. “As práticas ESG mais avançadas são aquelas que conectam clima, território e pessoas.”

Ela também chamou atenção para o **papel das cadeias de suprimento**: “Não adianta uma grande marca ser verde se os seus fornecedores exploram trabalho informal ou desmatam ilegalmente. A coerência precisa estar em toda a cadeia.”



O papel do conselho e a coerência institucional

Tarcila Ursini, conselheira independente e membro do movimento [Sistema B](#), falou sobre o **papel dos conselhos e da governança na construção de empresas mais éticas, diversas e regenerativas.**

“Não é mais aceitável ter um discurso lindo no marketing e práticas predatórias na operação. A régua subiu. E os stakeholders estão atentos.”

Ela reforçou que **conselhos têm o poder e a responsabilidade de garantir que os compromissos ESG sejam monitorados, atualizados e respeitados.** “A empresa que não fizer isso está perdendo relevância. O capital está migrando. Os consumidores estão mudando. E os talentos estão escolhendo onde querem trabalhar.”

O impacto que vem da prática

Fechando o painel com emoção e autenticidade, Vagner Pinheiro, fundador da Cutelaria Pinheiro, compartilhou sua trajetória como empreendedor periférico e criador de um **negócio com impacto cultural, ambiental e social**.

Sua cutelaria, além de resgatar o saber da forja tradicional, trabalha com **reaproveitamento de materiais, inclusão de jovens aprendizes e parcerias com a cadeia criativa local**.

Vagner contou como transformou a própria vivência em marcenarias e oficinas populares em um negócio de impacto, com identidade forte e compromisso com o território.

“Não comecei falando em sustentabilidade. Comecei porque precisava sobreviver. E no caminho, fui entendendo que dava pra fazer diferente: com beleza, com respeito e com propósito.”

Negócios sustentáveis são aqueles que resistem, adaptam e transformam.

Eles não ignoram os desafios do século XXI, eles os enfrentam com coragem, inovação e responsabilidade. O futuro dos negócios está nas mãos de quem souber escutar o território, redesenhar as relações e alinhar propósito à prática.

CONCLUSÃO



O Brasil que antecipa a COP 30

Protagonismo, alianças e ação coletiva como resposta à crise climática

A transição climática já começou - e o Brasil tem tudo para liderá-la. Não por acaso. Somos o país com a maior biodiversidade do planeta. Temos a Amazônia, a Caatinga, o Cerrado, o Pantanal, a Mata Atlântica e os Pampas. Temos uma enorme riqueza cultural, tecnológica e social. Temos comunidades tradicionais que cuidam dos territórios há séculos. Temos inovação, criatividade e, sobretudo, urgência.

As discussões da trilha “Meio ambiente e COP 30” do Impacta Mais 2025 mostraram que essa liderança climática não será conquistada com discursos - mas com ação concreta, alianças reais e transformação sistêmica.

Vimos que as soluções baseadas na natureza podem restaurar ecossistemas e impulsionar economias locais. Que a economia regenerativa já é possível e está sendo construída por empreendedores, agricultores, bancos e movimentos sociais.

Que o mercado da conservação ambiental está se reinventando, incluindo novas vozes, tecnologias e formas de financiar a vida. E que o futuro dos negócios será regenerativo, justo, transparente - ou não será.

A COP 30 será realizada em Belém, na Amazônia. Um marco simbólico e também estratégico. O mundo olhará para o Brasil esperando soluções reais. **E a boa notícia é: nós temos essas soluções.**

Elas já estão nas florestas, nas periferias, nas cooperativas, nas startups, nas universidades, nas comunidades ribeirinhas, nas empresas que decidiram mudar. Estão em movimento.

Mas para escalar essas soluções, precisamos de mais.
Mais investimento de risco.
Mais políticas públicas de longo prazo.
Mais escuta e confiança nos saberes do território.
Mais articulação entre setores.
Mais coragem para mudar de verdade.

Que essas discussões sirvam como ferramenta, inspiração e provocação para que cada pessoa e organização encontre seu papel na transformação que já está em curso.

**Porque
regenerar não é
mais uma opção.
É o caminho.**



AGRADECIMENTOS E CRÉDITOS

Agradecemos a todas as pessoas e organizações que participaram do Impacta Mais 2025 e que vêm contribuindo com ações concretas para um futuro mais regenerativo e inclusivo.

Este relatório temático é resultado da escuta ativa, da colaboração e do compromisso coletivo com um Brasil mais justo, diverso e sustentável. Que este conteúdo possa inspirar novas práticas, novas alianças e novas histórias de impacto.



FONTE DO CONTEÚDO Trilha temática “Meio ambiente e COP 30” - Impacta Mais, realizado nos dias 19 e 20 de março de 2025, em São Paulo.

CURADORIA E ADAPTAÇÃO Kaísa Martins

DESIGN Heitor Cameu

REVISÃO Regiane Souza

COORDENAÇÃO Eduardo Zdanowicz